

A cara alegre da Rotam

O modo de ser e de agir de um policial que consegue conquistar o respeito da polícia e da população

Edson Vitoretti
Reportagem Local

Ele deixa o número do seu celular para a população em cada operação que realiza. Entre suas funções está o uso da força repressiva, mas ele procura resolver impasses, inclusive em manifestações populares, apenas na base do diálogo. Diz que já teve medo várias vezes no exercício da profissão, e tem uma receita infalível contra o estresse: rir muito. Ele é Edson Daniel Ferreira, provavelmente um dos sargentos mais carismáticos da Polícia Militar de Londrina.

“Eu não gosto, eu adoro!”, é a resposta do sargento Daniel sobre gostar ou não da sua profissão, que exerce há 24 anos. O gosto tem a ver com a vocação detectada ainda quando garoto, na escola. Além de Daniel, havia em sua turma outro aluno de nome Edson. Como este era mais velho, teve preferência de ser chamado pelo primeiro nome. “Desde essa época aprendi a respeitar a hierarquia. Aí adotei o Daniel pro resto da vida”, diz.

Talvez por ter essa identificação com os princípios da polícia militar, como disciplina e hierarquia, Daniel seja o homem de confiança do comando da Rotam, unidade em que está há três anos. Sobre sua relação com seus superiores, ele diz que “temos liberdade para trabalhar, e por isso conseguimos fazer um trabalho eficiente. Aí conquistamos o respeito

da comunidade e, por consequência, do comando”, diz.

Liberdade para agir é importante em situações extremas. Certa vez o sargento Daniel foi intervir num assalto a uma farmácia do Jardim Bandeirantes. Chegando lá, ficou cara a cara com o bandido, que disparou seis tiros contra ele. Nenhum deles acertou o sargento, que revidou e feriu o ladrão, preso logo após. Daniel confessa que sentiu medo no episódio. “Quem não tem medo são os incapazes de perceber o perigo. O medo é um aliado”, afirma o sargento.

“Quase que teve que embrulhar a gente também e levar pro hospital, de tanto desespero que a gente ficou.”

Quando novato, outra situação perigosa. Foi em Sertãoópolis, num caso de roubo em propriedade rural. Daniel deu voz de prisão a um grupo de assaltantes que estava numa Kombi. Um deles saiu do veículo com uma metralhadora e disparou contra a viatura. Daniel teve de sair correndo e se esconder atrás do carro. “Ficamos lá com medo de tomar tiro de metralhadora. Mesmo a gente com uma viatura boa e eles com uma Kombi velha, não conseguimos pegá-los, de tão apavo-

rados que ficamos”, conta. Daniel diz que o fracasso da missão serviu como aprendizado e o justifica dizendo que naquela época a polícia não dispunha nem de colete a prova de bala. “Do governo Requião pra cá, tivemos uma evolução tremenda”, diz.

Mas a rotina dos policiais militares não é apenas de situações perigosas. A universalidade, ou seja, estar preparado para tudo, é um quesito das obrigações do policial militar. Às vezes o policial troca a farda pelo jaleco de enfermeiro.

Situação: uma mãe experiente, já com quatro filhos, desesperada com o bebê prestes a nascer. Dois policiais inexperientes, mais desesperados que a mãe. A senhora começa a chutar o banco da viatura dizendo que o filho vai nascer. Aos berros, orienta os parteiros de primeira viagem: “Segura, segura!”. Daniel tira sua camisa, acolhe a criança, a enrola e entrega à mãe. Bem ou mal, missão cumprida. “Quase que teve que embrulhar a gente também e levar pro hospital, de tanto desespero que a gente ficou”, brinca Daniel.

Outra situação diferente: manifestações populares. No caso do sargento Daniel, a diferença está na maneira como ele tenta resolver a questão: com diplomacia. Numa manifestação que reivindicava pavimentação de rua, vias foram bloqueadas, impedindo o acesso dos moradores da região a suas casas.

O sargento Daniel procurou então convencer os líderes da manifestação de que eles só estavam “jogando contra o time deles”, causando transtorno a sua própria comunidade. Orientou que fizessem a manifestação de forma a chamar a atenção dos órgãos públicos, para que o protesto produzisse resultado, sugerindo inclusive apoio logístico da polícia militar. “Se tiver que interditar a via, a gente interdita; se tiver que levar batedor a gente leva. Nós somos um órgão de segurança pública. Nós trabalhamos basicamente com o povo”, explica sobre como a polícia pode atuar em manifestações populares, ou seja, agindo preventivamente. Os líderes da manifestação concordaram, e a questão foi resolvida em 15 minutos.

Situações difíceis mesmo para o

Edson Vitoretti



O sargento dá uma receita simples para combater o estresse da profissão: rir muito.

sargento são aquelas em que há crianças. Certa vez, Daniel foi atender uma ocorrência de acidente de trânsito. Um carro bateu num caminhão carregado de postes. Todos no carro morreram, inclusive duas crianças gêmeas que estavam a caminho de sua festa de aniversário. “Aí você fica abalado, meio traumatizado. Qualquer coisa que envolva criança é muito triste”, lamenta.

Seja qual for a missão, desde as mais comuns até as incômodas – como recolher cadáveres em rios –, o sargento Daniel as cumpre com a disciplina requerida. Mas o respei-

não nega que exista, mas diz que os casos são raros. Dentro da polícia existe um órgão chamado Conselho de Disciplina. Quando há um caso de desvio de conduta, o comando o submete ao conselho, que decide sobre a permanência ou não do policial na corporação. Segundo o sargento, o conselho é a ferramenta mais eficaz para combater a corrupção na polícia. “Se não houvesse esse procedimento, nós teríamos na tropa vários policiais corruptos, porque eles teriam o direito de recorrer eternamente ao Poder Judiciário com ações protelatórias”, explica.

Segundo o sargento, para resolver os problemas da segurança pública, além de combater a corrupção em todos os níveis da sociedade, a solução mais eficaz é investir maciçamente em educação. “Uma pessoa bem educada e instruída só traz benefícios à sociedade.”

Sobre a crítica de que a polícia costuma abordar pessoas apenas por estarem mal vestidas, o sargento argumenta que “hoje em dia o bandido mais perigoso é o que está de terno”. Ainda com sua franqueza, o sargento Daniel diz qual seria a prisão que mais gostaria de fazer: “Eu queria prender um político corrupto e guardá-lo por muito tempo. O desvio de verba pública me deixa indignado”, comenta.

Daniel se considera uma pessoa feliz, e parte dessa felicidade vem da realização pessoal que encontra no trabalho: “Eu sinto uma satisfação muito grande quando faço um serviço e sou elogiado pela corporação, pela família e pela população. É uma recompensa que não tem preço”, diz.

“Eu queria prender um político corrupto e guardá-lo por muito tempo. O desvio de verba pública me deixa indignado.”

to às regras da Polícia Militar não o impede de criticá-las, quando acha injustas. Foi o que aconteceu quando Daniel teve de ficar preso 30 dias por problemas internos, segundo ele, injustamente. “Fiquei tão revoltado que pensei em pedir baixa.” Sobre o caso, Daniel comenta que “na Polícia Militar, apesar de ser uma força disciplinada, existem problemas de comportamento como em qualquer lugar. Sempre há pessoas que não se dão bem”, avalia.

Daniel usa a mesma franqueza com que fala sobre os relacionamentos na polícia, para comentar sobre assuntos espinhosos envolvendo a instituição, como corrupção. Ele

Dhema Kamargo



Sargento Daniel: “Quem não tem medo são os incapazes de perceber o perigo. O medo é um aliado”

NESTE CARNAVAL

ENTRE NA FOLIA, E LEMBRE-SE

SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA

Aproveite bem este Carnaval e seja diferente. Se for dirigir, não beba!! Entre nessa campanha para a prevenção de acidentes de trânsito no Carnaval. Alcool e volante não combinam. Seja um motorista consciente.

Apoio:

